

A NOTA

O MAESTRO
NAZARETH

Eu pensava que o maestro Nazareth tinha morrido ha muito tempo. A noticia de sua morte tragica, depois de sua fuga da Colonia de Psicopatas de Jacarépagua, veio mostrar que Ernesto Nazareth era um desses mortos vivos que passam anos e anos no esquecimento, depois de uma celebridade efemera.

A vida artistica é cheia de casos assim. Os artistas têm o esplendor e a decadencia das cortezas. O dorado da gloria, fugaz como a beleza, não resiste ao tempo. E, talvez, essa melancolia infinita e essa dolorosa certeza é que dão aos artistas, a aureola luminosa dos martyres e á vida deles esse punhado de beleza que sempre acompanha o sofrimento.

Os que viram o "Odeon" antigo, ali na esquina da rua Sete, com aquella grande sala de espera, em que pontificava a orquestra do Andreozzi, devem se recordar dos sólos de piano de Ernesto Nazareth, e da fisionomia serena de um homem grisalho e resignado que parecia abstraído do ruido e do prosaismo da rua. Os moleques e os populares que o escutavam tinham, nos olhos, o respeito que aquele artista de raça, em promiscuidade com os gritos dos jornaleiros, as campainhas dos bondes e as buzinas dos automoveis, sabia provocar pela distincção com que aceitava o seu sacrificio.

Já naquela época, Nazareth era surdo. Depois, agravou-se-lhe a infelicidade beethoveniana. E, como consequencia, a neurastenia aguda e implacavel. E o internamento na casa de saúde, finalmente, a fuga e o suicidio. A morte que elle procurou, ainda talvez com uns requintes de beleza, nas aguas tumultuosas de uma cascata... Aguas tumultuosas como a sua imaginação de artista que sonhou a vida boa como a musica, mas que teve que se vir despedaçar entre as pedras de uma realidade triste que o encheu de humilhações, e que só lhe deu a evasão da loucura e o alivio final da morte...

Benjamim Costalla